

PSICOLOGIA DAS MASSAS E ANÁLISE DO ETHOS DIGITAL

MASS PSYCHOLOGY AND ANALYSIS OF DIGITAL ETHOS

Nádia Laguárdia de Lima 1

Márcio Rimet Nobre 2

Resumo: A partir do texto freudiano *Psicologia das massas e análise do Eu*, o artigo objetiva apresentar uma reflexão sobre o fenômeno das massas atrelado ao que se compreende como uma mudança no ethos da sociedade atual, tendo em vista o surgimento da linguagem digital e do novo padrão cultural que dela se origina. Foi empregada a metodologia de estudo comparativo do fenômeno no período atual e naquele sobre o qual Freud escreveu. Os efeitos da linguagem digital para o laço social são destacados no que concerne à influência dos dispositivos tecnológicos para uma expansão dos fenômenos de massa. Sustenta-se que esse ethos revela-se marcado pela dimensão subjetiva do gozo, com prejuízo para a relação do sujeito com o saber, o Outro e todo o registro simbólico. Observa-se como tais mudanças são correlatas de uma expansão no próprio nível egoico, portanto, imaginária, sobretudo a partir da implantação do dispositivo algorítmico.

Palavras-chave: Psicologia das massas. Cultura digital. Ethos. Gozo. Discurso capitalista.

Abstract: From the Freudian text *Psychology of the masses and analysis of the Self*, the article aims to present a reflection on the phenomenon of the masses linked to what is understood as a change in the ethos of current society, in view of the emergence of digital language and the new standard culture that stems from it. Methodology of comparative study of the phenomenon was used in the current period and in the one about which Freud wrote. The effects of digital language on the social bond are highlighted with regard to the influence of technological devices for an expansion of mass phenomena. It is argued that this ethos reveals itself to be marked by the subjective dimension of *jouissance*, with prejudice to the subject's relationship with knowledge [*savoir*], the Other and the entire symbolic register. It is observed how such changes are correlated with an expansion at the egoic level itself, therefore, imaginary, especially from the implementation of the algorithmic device.

Keywords: Mass psychology. Digital Culture. Ethos. *Jouissance*. Capitalist discourse.

- 1 Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Psicóloga pela Universidade Federal de Minas Gerais. Possui pós-doutorado em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é professora Associada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9516537449598946>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7949-0169>. E-mail: nadia.laguardia@gmail.com
- 2 Doutor em Psicologia/Estudos Psicanalíticos pela Universidade Federal de Minas Gerais; Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Especialista em Teoria Psicanalítica Universidade Federal de Minas Gerais; Psicólogo pela Universidade Federal de São João Del Rei. Pesquisador colaborador no Laboratório Além da Tela: Psicanálise e Cultura Digital (FAFICH/UFMG) e no Laboratório Janela da Escuta, da Faculdade de Medicina da UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6213923647850576>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7130-0906>; E-mail: marcionobre205@hotmail.com

Introdução

Após cem anos da publicação de *Psicologia das massas e análise do Eu* por Sigmund Freud, a hegemonia da nova linguagem digital parece revelar que tanto as massas quanto a própria instância egoica vêm sofrendo consideráveis alterações. A rapidez com que essa linguagem se espalhou, bem como a impregnação de seus traços em todos os aspectos socioculturais, nos credenciam a cogitar que um novo *ethos* esteja em vigência na atualidade. Além disso, por sua abrangência, trata-se de um *ethos* que define comportamentos, costumes e atitudes em âmbito global.

Na antiguidade grega, esse termo era empregado para indicar o lugar em que se vivia, bem como o conjunto de valores que orientam comportamentos sociais de modo a garantir alguma característica estável ao laço social. A partir de Aristóteles, a noção de *ethos* adquire sentido ainda mais abrangente. Para o filósofo, o *ethos* é aquilo que nos habita desde dentro, nossa forma de ser ou caráter, nossa morada, algo como uma segunda natureza que se difere da biológica¹.

No *Seminário 7*, Lacan (1959-1960/1997) retoma o termo “*ethos*” como morada, para referir-se à dimensão da ética. Conforme Lacan, para Aristóteles, o *ethos* “hábito” é o que forma o *ethos* “caráter” para o humano:

O estabelecimento do *ethos* é feito como que diferenciando o ser vivo do ser inanimado, inerte. Como salienta Aristóteles, por mais vezes que vocês lancem uma pedra no ar ela não se habituará à sua trajetória, enquanto que o homem, este, se habitua – esse é o *ethos*. E esse *ethos*, trata-se de obtê-lo conforme ao *ethos*, ou seja, a uma ordem que é preciso reunir, na perspectiva lógica que é a de Aristóteles, num Bem Supremo, ponto de inserção, de vínculo, de convergência, em que uma ordem particular se unifica num conhecimento mais universal, em que a ética desemboca numa política e, mais além, numa imitação da ordem cósmica (p. 33).

Ora, compreendemos que, na atualidade, essa ordem do particular que compõe o *ethos* “caráter” vem convergindo para um universal que se reveste em uma nova linguagem, originando um novo padrão cultural, com profundas mudanças nos modos e na forma do enlaçamento social, o que afeta decisivamente o *ethos* “hábito”. É nesse sentido que tal conjuntura convoca-nos a retomar o texto freudiano que insere a reflexão psicanalítica no âmbito da coletividade, ressaltando ainda a relevância de buscarmos compreender o fenômeno das massas na atualidade a partir das contribuições de nosso campo. Para tanto, lançamos mão de uma metodologia de estudo comparativo das bases e características de tal fenômeno no período atual, em relação àquelas do período em que Freud escreveu.

Por isso mesmo, o texto de Freud (1921/2020b) oferece-nos subsídios valiosos para uma atual análise desse fenômeno que resulta de um conjunto tecnológico inédito, suporte da nova linguagem, a dos números. Sob essa linguagem, configuram-se novos padrões comportamentais e de caráter que, desencadeados pelo *ethos* “hábito” de viver em ambientes virtuais, logo prefiguram uma cultura que se organiza mundialmente, a caminho do que Lacan (1959-1960/1997, p. 33) aponta como sendo essa “imitação da ordem cósmica”. Ocorre que, num lapso de pouco mais de duas décadas, os padrões desse *ethos* inédito para a experiência humana, por seus visíveis efeitos para o laço social, “desembocam numa política”, como também assinalava Lacan. Trata-se, portanto, de uma nova morada para o sujeito, para o exercício de outros modos de estabelecer laço com o semelhante, com esse Outro que nos habita via linguagem.

Assim, essa cultura resultante da linguagem digital marca o movimento que, em amplo espectro, caracteriza as trocas sociais e, conseqüentemente, o acolhimento de grupos, de massas sociais. Se a formação de massas anônimas, perenes e ilimitadas se tornou realidade no suporte da rede digital, uma crescente inflação imaginária configurou aspectos da subjetividade a partir de parâmetros que se alimentam do constante estímulo ao fornecimento e consumo de informação.

1 Disponível em: <https://conceitos.com/ethos/>. Acesso em: 21 out. 2022.

“Uma imagem vale mais que mil palavras”: eis um *slogan* bastante utilizado em anos recentes e que ilustra muito bem o que está em questão. Desde que Guy Debord (1968/1997) apontou a emergência da sociedade do espetáculo, multiplicam-se as metáforas para caracterizar nosso tempo como o de uma intensificação do que se pode capturar pelo olhar. Nesse sentido, o sujeito é convidado a se exibir incessantemente, para destacar-se na massa digital; assim, insere-se numa lógica em que se mostra mais, na qual os dados pessoais tornam-se objeto de um manejo mercadológico que se volta para o próprio sujeito, seja na forma de mais informações ou de objetos de consumo e serviços personalizados (ROUVROY; BERNIS, 2015).

Todo esse processo é o substrato de uma nova ordem econômica que, atualmente, configura-se nos moldes de um “capitalismo de plataforma” (SRNICEK, 2022), ou “capitalismo de vigilância” (ZUBOFF, 2021), em que um conjunto de atores corporativos se apresenta como sendo meros intermediários tecno-comunicacionais, articulando serviços e negócios entre usuários, e destes para com instituições e corporações. Nessa guinada, o processo de inserção dos falantes e seus laços sociais nesse tal *ethos* digital sofre todas as consequências diretas da orientação econômica sobre a dimensão política, o que se nota, especialmente, na transposição dos fenômenos de massas para o âmbito da rede virtual.

O propósito deste trabalho é apresentar uma breve reflexão sobre o fenômeno das massas a partir do texto freudiano, para, em seguida, proceder a uma leitura do tema atrelado a essa mudança para um *ethos* formatado pela linguagem digital, trabalhando com autores que analisam o contexto contemporâneo, tendo em vista os efeitos políticos dessa transição. Em paralelo, buscaremos observar como esse processo corresponde a uma expansão no próprio nível egoico.

Freud e a massa como fenômeno identificatório

A escrita de um dos principais trabalhos de Freud sobre a coletividade se deu em contexto de grave crise política e econômica decorrente da então recém-terminada Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Esse cenário sombrio trouxe para muitos de seus textos uma série de reverberações teóricas; dentre elas, o artigo *Psicologia das massas e análise do Eu*, publicado em 1921. O texto traz uma robusta análise crítica da obra de Gustave Le Bon, *Psicologia das multidões*, publicada em 1895, com boa repercussão na época. Apoiado nas reflexões de Le Bon, Freud (1921/2020b) descreve a psicologia das massas a partir da perspectiva da psicanálise. Para ele, na massa o indivíduo pode modificar seu comportamento, agindo de modo inteiramente diferente de como agiria isoladamente, exacerbando suas paixões e rebaixando o nível de sua inteligência crítica e consciência moral. Isso porque a vida anímica das massas intensifica os impulsos afetivos, compensando o desamparo dos indivíduos em seu isolamento. Por isso, a massa é impulsiva, volúvel, excitável e, sendo guiada quase exclusivamente pelo inconsciente, não tolera demora entre seu desejo e sua realização.

Na massa, surge o sentimento da onipotência e a noção do impossível desaparece para o indivíduo, sendo seus sentimentos sempre muito simples e bastante exaltados, tudo sendo permitido. A massa não conhece dúvida nem incerteza, assim como não busca a verdade, mas exige ilusões, às quais não pode renunciar. Além disso, na massa, o heterogêneo se perde no homogêneo, sendo ela um rebanho obediente que não pode viver sem senhor. Produzindo um sentimento semelhante ao da fascinação na hipnose, o líder exerce um poder misterioso sobre um indivíduo, que tem paralisada sua capacidade crítica.

Freud (1921/2020b) é enfático ao descrever o poder das massas. Ele busca compreender o que mantém uma determinada massa coesa, quais mecanismos a ligam a um líder e o que faz com que ela seja tão influenciável e crédula. Freud não se contenta com a ideia de Le Bon e de outros teóricos que explicavam o funcionamento das massas por meio de categorias como regressividade, infantilidade e selvageria. O ponto de partida de sua reflexão é a indissociabilidade entre o individual e o social. Em suas palavras:

Na vida psíquica do indivíduo, o outro é, via de regra, considerado como modelo, como objeto, como auxiliar e como adversário, e por isso a psicologia individual é também,

de início, simultaneamente psicologia social, nesse sentido ampliado, mas inteiramente legítimo. A relação do indivíduo com seus pais e com seus irmãos e irmãs, com seu objeto de amor, com seu professor e com seu médico, logo, todas as relações que foram até agora objeto privilegiado da investigação psicanalítica, podem reivindicar ser consideradas fenômenos sociais [...] (FREUD, 2021/2020b, p. 137).

Freud (1921/2020b) mostra que a compreensão da dinâmica das massas requer o estudo do funcionamento psíquico, da mesma forma que não se pode analisar o psíquico fora do campo social. Em vez de buscar uma explicação das massas pelo contágio ou imitação, ele articula o fenômeno social com o inconsciente, descrevendo o princípio da formação de uma massa a partir do processo de identificação, que define como a forma mais elementar de ligação afetiva com o objeto. Assim, enfatiza que o poder aglutinador da massa está nos laços libidinais, ou seja, o afeto constitui a essência da psique das massas: “A constituição libidinal de uma massa resulta de uma quantidade de indivíduos que colocam um único objeto no lugar de seu ideal do Eu e, em consequência, identificam-se uns com os outros em seu Eu” (FREUD, 1921/2020b, p. 72). A identificação se desdobra verticalmente em direção ao líder, e horizontalmente entre os membros do grupo, numa dupla ligação de ordem libidinal.

Como ensina Jacques Lacan (1953-1954/2009), o ideal do Eu é uma instância simbólica herdeira do narcisismo, o lugar de onde eu me vejo amável. Os significantes mestres comandam a formação do ideal do Eu para o sujeito, e o líder sustenta um significante que representa um ideal para o sujeito.

A agressividade, para a teoria psicanalítica, situa-se na base da constituição do Eu. A teorização lacaniana a situa no campo da especularidade imaginária, nomeada “estádio do espelho” (LACAN, 1949/1998c). Trata-se de uma rivalidade especular com o semelhante, que ilustra o caráter conflitivo de toda relação dual, contendo, portanto, a presença da agressividade. Em outro escrito, *A agressividade em psicanálise*, Lacan (1948/1998a) afirma que o ideal do Eu tem uma função apaziguadora, permitindo ao sujeito transcender a agressividade constitutiva da primeira individuação subjetiva: “Ela instaura uma distância pela qual, com sentimentos da ordem do respeito, realiza-se toda uma assunção afetiva do próximo” (p. 120). Assim, o líder, tal como o pai, é uma figura de exceção com a qual é possível ter um traço de semelhança, mas não uma identificação total. O líder mantém certa diferença em relação aos membros do grupo, pois, ao ocupar o lugar de ideal do Eu, sustenta algo a mais que o grupo e também sustenta certa diferença entre os membros do grupo (VIEIRA, 2008). Portanto, Eu ideal e ideal do Eu são instâncias psíquicas distintas, mas, ao mesmo tempo, inter-relacionadas.

Freud (1921/2020b) considera que é possível a substituição do líder por uma ideia condutora, assim como é possível que uma massa seja formada a partir do ódio a um inimigo em comum. Para ele, o ódio a determinada pessoa ou instituição pode atuar da mesma maneira unificadora que a afeição positiva e produzir ligações afetivas semelhantes. Em *O mal-estar na cultura*, Freud (1930/2020a) comenta que “sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade” (p. 370). Assim, os vínculos de amor permitem espaços de afirmação identitárias, e a constituição identitária é indissociável de uma regulação narcísica da coesão social (SAFATLE, 2015).

O texto sobre a psicologia das massas também esclarece acerca do papel primário e fundamental das identificações na economia psíquica e sobre como, a partir delas, o sujeito encontra suas primeiras formas de nomeação. Como sabemos a partir de Lacan (1957/1998b), essa nomeação advém do Outro, campo da linguagem que antecede o sujeito e lhe empresta desde seus primeiros traços. Assim, podemos compreender que os três níveis de identificação destacados por Freud (1921/2020b) estão na dependência desse Outro da linguagem de que nos fala Lacan, sendo a partir dele que se organiza o campo das identificações. Lacan (1961-1962/inédito) toma a identificação como uma operação de extração significante do Outro, pelo qual o sujeito encontraria seu complemento simbólico.

Algumas questões que instigaram Freud há um século são semelhantes às que hoje nos inquietam, embora de modo adaptado. A que se deve o poder das massas digitais, para além do

encontro dos corpos? Por que o afeto nessas massas se mostra tão mais exaltado? Por que uma massa digital, ainda que mergulhada no atual oceano de informações, permanece impermeável a qualquer argumento racional ou lógico? Finalmente, o que a mudança no nível do *ethos* tem a ver com a resposta a tais indagações?

Da mutação capital à experiência da vida em plataforma

A técnica é constituinte tão indispensável da cultura em todos os tempos e lugares, que marca a própria experiência do que é ser humano, pois está intrinsecamente ligada à nossa vida (TAPIAS, 2003). As tecnologias são forjadas em determinado contexto histórico, social, econômico e político. O desenvolvimento tecnológico, na modernidade, apoiou-se nas condições econômicas que tornaram possível o modo de produção capitalista.

O nascimento do discurso científico, na modernidade, não se deu sem atravessamentos políticos. Sobre esse ponto, no seminário sobre o laço social, Lacan (1969-1970/1992) é bastante claro ao assinalar uma “copulação” entre o capitalismo e a ciência, apontando essa união como base para o surgimento de um novo discurso que leva o nome do sistema econômico hegemônico. Neste seminário, Lacan apresenta as quatro matrizes discursivas – do mestre, da histórica, do analista e universitário – do laço social². Embora já seja mencionado nesse seminário, é apenas dois anos depois que o discurso capitalista será formalizado (LACAN, 1972/1978), tendo a particularidade de abolir a característica social dos demais. Trata-se do ponto de disjunção inerente ao liame existente entre os falantes, referido ao de real de gozo³, que, por ser singular, exige que os falantes se articulem dialeticamente, sendo o desejo o elemento que, embora guarde a marca desse real, permite essa operação basal do laço.

Conforme Lacan (1972/2011), o discurso capitalista surge de um deslizamento do discurso tradicional de mestria quando, a partir do surgimento do proletário, propaga-se “a forma do Estado marxista” (p. 88). De fato, no final dos anos 1970, a ascensão do neoliberalismo sustentado pela gramática do empreendedorismo garantiu a perpetuação do modo capitalista de circulação da riqueza.

A globalização se acelerou com a circulação digital da informação, insumo que veio a se tornar o novo petróleo (MOROZOV, 2018), em termos econômicos. O saber da ciência moderna, representado pelo conhecimento no discurso universitário, impunha-se nos termos de uma tirania (LACAN, 1969-1970/1992), para cujo exercício se exigia todo um árduo percurso de formação subordinado às instituições educativas. A informação, ao contrário, no contexto atual exhibe-se às massas que povoam as plataformas, sendo nesse âmbito que escoar esse petróleo.

Também para Shoshana Zuboff (2021), estamos vivendo uma mutação econômica que leva a uma nova forma de capitalismo, que nomeia como “capitalismo de vigilância”, que perpetrado pelas empresas de tecnologia do Vale do Silício, concentra as informações dos usuários da *web*, portanto, da imensa maioria da sociedade global. Para ela, o capitalismo de vigilância reivindica algo inédito, fora do mercado, que é a experiência humana privada; ele utiliza essa experiência, acolhida pelas plataformas, como matéria-prima gratuita para a tradução em dados comportamentais. Alguns desses dados são aplicados para o aprimoramento de produtos e serviços, e o restante é declarado como superávit comportamental do proprietário, que alimenta avançados processos de fabricação conhecidos como “inteligência de máquina” (ZUBOFF, 2021, p. 22) e manufaturado em produtos de

2 Nesta teoria, Lacan (1969-1970/1992) lança mão do matema, fórmula na qual circulam os elementos que compõem o discurso, sendo eles: S1, significante mestre, que inaugura a rede do saber; S2, saber, que condensa a cadeia de significantes; \$, sujeito barrado pela linguagem; e objeto a, ou mais-de-gozar. Este último traz o diferencial apresentado pela teoria dos discursos, na qual Lacan passa a compreender saber e gozo como estando primitivamente articulados. Nesse sentido, o matema discursivo tem como ponto alto a indexação do real de gozo, do que o objeto a faz signo.

3 A complexidade do conceito de gozo é evidente pela diversidade de sentidos que assume ao longo do ensino de Lacan. A esse respeito, recomendamos a leitura de Os seis paradigmas do gozo, de Miller (2012). De modo geral, o gozo pode ser compreendido como a dimensão da subjetividade que extrapola o campo do simbólico, embora receba deste algum tratamento. É nesse sentido, inclusive, que Lacan (1969-1970/1992) irá definir a relação entre saber e gozo como sendo de limites mútuos.

predição que antecipam o que um determinado indivíduo faria agora, daqui a pouco e mais tarde. Esses produtos são comercializados num novo tipo de mercado para predições comportamentais, que são os mercados de comportamentos futuros.

Para Lima (2006), no novo contexto que se descortina para o sujeito, o fascínio provocado por seu encontro com esse aparelhamento tem na alienação o seu principal resultado. A autora destaca uma expansão narcísica como correlata da rarefação da dimensão simbólica, o que se traduz, especialmente, em termos de busca do prazer imediato e desinteresse por atividades que exigem esforço ou adiamento de satisfação. Em outro trabalho, a autora ressalta que a singularidade tende a desaparecer na sociedade em rede, havendo uma “homogeneização de pessoas e valores” (LIMA, 2013, p. 490). Embora as reverberações imaginárias não contemplem toda a complexidade da experiência humana no espaço virtual, pode-se apostar que a erosão do registro simbólico ocorrida no avançar do período moderno ganha incremento em termos de aceleração com a implementação da lógica de plataformas.

Assim, o que o capitalista quer transmitir é uma tentativa de tamponar o vazio inerente à divisão subjetiva que a castração faz operar. É nessa medida que tal divisão será aproveitada para compor o semblante veiculado por esse discurso, que se baseia na ideia de que não há nada impossível para o sujeito, desde que ele consuma. Ao contrário das quatro matrizes que se deparam com o real e operam sempre deixando um resto inerente ao exercício da linguagem, o que o capitalista transmite é essa ilusão que incrementa o Eu, fazendo como que ele evite defrontar-se com a divisão que lhe é inerente. Trata-se de um discurso falacioso, pois veicula algo que não se efetiva jamais, posto que não se pode desconsiderar que ali, de fato, não há um indivíduo, mas um sujeito dividido em sua verdade singular de ser castrado, e que somente se faz revelar pela metade. Desse modo, o *ethos* digital tem por propriedade o acolhimento do indivíduo no formato dessas massas que funcionam sob a lógica de plataformas comandadas pelos conglomerados informacionais (SRNICEK, 2022).

A partir dessas operações comerciais, os capitalistas de vigilância têm acumulado grande riqueza, na medida em que as tecnologias digitais permitiram que o braço do mercado se estendesse até o campo dos afetos, aspecto ainda não explorado da subjetividade, até então. Entretanto, tal exploração só se tornou possível quando o âmbito da rede digital se estendeu a toda a cultura, de modo a acolher os indivíduos como uma nova morada, delineando seus hábitos e seu caráter, dando curso a esse novo *ethos*. Vejamos como isso ocorre, em termos psicanalíticos.

A metonímia de gozo como *ethos* da massa digital

Se a análise freudiana nos ajuda a compreender o que está em jogo nesse fenômeno social, ela não é suficiente para abarcar toda a complexidade que envolve a formação e o funcionamento das massas digitais na atualidade, sendo isso o que nos conduz a investigar se estaríamos diante de um novo *ethos*.

Noção básica do pensamento filosófico na antiguidade grega, o termo *ethos*⁴ diz respeito ao conjunto de características que compõe nosso modo de ser, isto é, nosso caráter, a composição comportamental que define atitudes, opções, estilo. Mais próximo à ideia de morada ou covil para os animais, Henrique Lima Vaz (1999, p. 16) defende que a transposição, por Aristóteles, do termo *ethos* para a práxis, faz dela a versão humana da *physis*, já que o filósofo interpreta “o *ethos* no homem como o princípio que qualifica os hábitos (*hexeis*) ou virtudes (*aretai*) segundo os quais o ser humano age de acordo com a sua natureza racional”. Para o autor, a realidade da experiência, tão evidente como são também os seres da natureza, é o que constitui o objeto da ética: “Realidade humana por excelência, histórica, social e individual e que, com profunda intuição das suas características originais, os gregos designaram com o nome de *ethos*. A Ética, portanto, nominalmente definida, é a ciência do *ethos*” (VAZ, 1999, p. 17).

Esse *ethos*, portanto, não está isento dos efeitos da coletividade, mas, antes, está intrinsecamente ligado à cultura de determinada sociedade. É nessa medida que, no presente estágio de desenvolvimento tecnológico da “aldeia global” de Marshall McLuhan (1911-1980)

4 Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ethos>. Acesso em: 22 out. 2022.

podemos entender o *ethos* atual como se traduzindo e se orientando pelos efeitos dessa cultura resultante da nova linguagem, a digital.

A cultura digital é resultado da mediação das relações sociais em todos os níveis, em virtude do processo de digitalização em que as informações foram transcritas para a linguagem numérica e, mais recentemente, algorítmica. Essa linguagem torna-se o meio preferencial para os fluxos sociais, exigindo o suporte de um aparato tecnológico que, tendo se popularizado mundialmente, definiu um complexo conjunto de dispositivos e fenômenos com forte e constante presença em nossas vidas. Nesse sentido, a expressão “cultura digital” contempla até mesmo setores da sociedade ainda não diretamente inseridos na linguagem dos computadores, mas que, apesar disso, não podem prescindir de tal aparato nas operações mais cotidianas (NOBRE, 2021).

Compreendemos que, sob esse novo *ethos*, o contexto atual se encontra bastante modificado em relação ao de Freud (1921/2020b). São inúmeras as transformações ocorridas no decurso desses 100 anos, nos campos social, político, econômico e tecnológico. Entretanto, é inegável que, nos anos recentes, a própria dinâmica das mudanças sofreu acentuada ênfase, em virtude da aceleração provocada pela informatização. No empobrecimento do laço social decorrente da emergência da sociedade em rede (CASTELLS, 1999), o capitalismo instala os produtos da ciência no lugar do significante mestre, pondo em movimento a função do mais-de-gozar. Conforme nos adverte Lacan (1969-1970/1992, p. 48), “Aí está o oco, a hiância, que de saída um certo número de objetos vêm certamente preencher, objetos que são, de algum modo, pré-adaptados, feitos para servir de tampão”.

Na contemporaneidade, na medida em que o sujeito se deixa capturar pela lógica do gozo propiciada pelos objetos oferecidos pelo capitalismo, observamos um prejuízo em seu enlaçamento com o Outro, ou seja, com a própria linguagem, que, conforme denunciado por autores diversos (BAUMAN, 2004; MILLER, 2005), entra também em derrocada. Não sendo mais preciso desejar, por que esperar que o Outro compareça com seu saber? Como se pode ter tudo na forma de imagens, novidades, informações e produtos, pode-se tudo acessar com garantia de fruição, o que repercute no desejo e na relação com o Outro como categorias inaugurais e, em grande medida, reguladoras do laço (LACAN, 1969-1970/1992). Como sabemos, essa regulação fica a cargo do supereu, instância simbólica máxima que se herda da relação edípica, como teorizado por Freud.

No *Seminário 20*, entretanto, Lacan (1972/1985) indicará o supereu a partir de outra perspectiva, ao apontar o gozo como correlato da castração, introduzindo uma guinada que atualiza a função do supereu em termos de seu papel na presentificação dos conteúdos culturais:

Mas o que é o gozo? [...]. Aqui eu aponto a reserva que esse campo do direito implica: direito ao gozo. O direito não é o dever. Nada força ninguém a gozar, exceto o supereu. O supereu é o imperativo do gozo: Goze! (LACAN, 1972/1985, p. 14)

Desse modo, o supereu surge não mais como uma instância proibitiva do gozo, mas como um ordenador, cuja função, a se pensar em sua vertente inconsciente, pode ser exercida ainda na forma de uma tirania. No *Seminário 17*, Lacan (1969-1970/1992) havia apontado a relação entre saber e gozo como sendo de limite mútuo. Ora, se o saber já se exercia como tirania, ainda sob efeito da repressão da sexualidade em tempos modernos, pode-se considerar que, no contexto do discurso capitalista, o que se traduz nesses termos é essa injunção de gozo. A repressão, inclusive, não passa da face visível da operação que Freud chegou a reconhecer como mais originária e, portanto, estrutural para o psiquismo, ou seja, a do recalçamento, surgido em função dos avanços na direção da virada para sua segunda tópica, como nos alerta Lacan (1973/2003b) em *Televisão*.

É nesse texto que vemos, ainda, Lacan (1973/2003b) atribuir ao supereu a curiosa característica da “gulodice”. Essa nova perspectiva em relação à instância deve ser também tomada em referência à mudança de rumo do simbólico para o real em seu ensino e que, em grande medida, tem de fundo uma releitura sobre a “virada” de Freud, como se sabe amplamente: “A gulodice pela qual Freud denotou o supereu é estrutural – não é um efeito da civilização, mas um ‘mal-estar (sintoma) na civilização’” (p. 528, grifos do autor). Dessa forma, pode-se compreender como, na medida em que o discurso capitalista suprime a marca de impossibilidade inerente ao laço

social, deixa aberto o caminho para uma regulação superegoica que franqueia o exercício do gozo e não mais o proscreve ou trata. Daí se poder vislumbrar a circularidade infinita entre os quatro termos do matema, antes impossibilitada em virtude do real indexado e diante do qual a verdade circunstancial se mostrava impotente (LACAN, 1969-1970/1992).

Na atualidade da linguagem digital, o saber inconsciente rechaçado no âmbito da ciência moderna se apresenta ainda mais deteriorado diante de um maior afluxo de gozo, que ganha incremento em virtude do hiperinvestimento na informação, essa deriva mais leve e fluida do saber (NOBRE, 2020). Assim, uma lógica metonímica de gozo ganha uma aplicação prática em função de seu acoplamento à informação, e isso ocorre justamente porque ela se insere no nicho do saber, que não se presta mais a fazer limite ao gozo.

A partir daí, pelo exercício desse saber mediatizado, esse hipermestre pode fazer retornar ao sujeito os objetos, para manter o moto-contínuo da fruição de seu gozo, sempre parcializado, no sentido do consumo – este sempre efêmero, descartável –, seja de elementos virtuais fartamente disseminados nas plataformas digitais, seja de objetos que se tornam cada vez mais personalizados. Com novos hábitos, novos caracteres são forjados sob esse novo ethos, que tem a linguagem numérica, hoje também algorítmica, como pano de fundo.

As massas como comunidades de gozo ou enxames de *Uns*

O uso político do aparato tecnológico sobre as massas formadas digitalmente parece algo consolidado em nossa sociedade atual. A ausência de vínculos referidos a uma figura central de liderança é outro dado importante dessas massas sem corpos, embora visceralmente marcadas pela ordem do afeto.

Se Freud (1921/2020b) descreveu o processo de formação das massas via identificação, no contexto atual acentua-se o declínio da função do ideal do Eu. Como vimos, isso tem por efeito uma promoção máxima do objeto *a* como mais-de-gozar, que Lacan (1970/2003a) já havia assinalado em *Radiofonia*. Essa ascensão determina um funcionamento social regido por promessas de gozo, que rapidamente tomam a forma das injunções superegoicas. Assim, de uma política sustentada pelo simbólico passamos para uma orientação pela urgência de gozo, o que o mercado não apenas acompanha atentamente, mas estimula de modo cirúrgico, isto é, personalista.

Se a identificação é o modo de responder a uma precariedade constitutiva do sujeito, ela pode ser pensada tanto no nível de um complemento significativo como também referida a uma materialidade relacionada ao gozo. Se o Outro da nossa época não mais se apresenta de forma consistente e unitária, já não é possível dele extrair um significante com sentido estável sobre o qual apoiar a identificação. Assim, estamos às voltas com a pluralização dos significantes-mestres, o que faz com que Lacan (1972/1985) insira a metáfora do enxame [*essaim*] de S_1 [*es un*] para referir-se a esse significante primaz que, a um só tempo, impregna de palavra, de saber, o corpo de gozo. O enxame é *esse Um* que se encarna no corpo no qual repousa um saber inconsciente, saber Outro, que permite enlaçarmo-nos, via linguagem, com o que nos cerca.

A mesma figura do enxame é empregada pelo filósofo Byung-Chul Han (2018) para referir-se ao excesso de informação que caracteriza a cultura digital. Para ele, a crise da representação, em nosso tempo, tem como corolário a dissolução do sujeito no enxame digital, o que provoca um achatamento da linguagem e da cultura, que se vulgarizam. Nessa mudança de paradigma, a informação torna-se instrumento de uso político, impondo uma lógica de urgências que põe toda ênfase no presente, anulando “o futuro, [que] enquanto tempo político, desaparece” (HAN, 2018, p. 39). Nesse sentido, a pura positividade da informação impede o movimento dialético, que deve comportar também a negatividade necessária ao laço social e ao avanço subjetivo e, conseqüentemente, do conjunto social. Tudo se torna explícito, imediato e transparente, não cabendo o recurso ao Outro, à negociação via palavra, à interpretação, e, portanto, ao simbólico.

No século XXI, a possibilidade de digitalização do laço social tornou possível que processos de identificações paralelas se multiplicassem de forma considerável e sem qualquer necessidade de encontro entre os corpos. Acompanhado da ascensão do mercado, o declínio da autoridade acentuou as formas de segregação que se multiplicam, obedecendo à lógica das comunidades

de gozo que proliferam a cada dia. Deparamo-nos com o fenômeno das massas digitais, que assumem diversas tonalidades a partir de suas especializações. Existem aquelas formadas por seguidores de figuras políticas, celebridades, influenciadores digitais, jogos ou outros aspectos do entretenimento, assim como aquelas formadas a partir do ódio a um inimigo em comum. Existem as massas constituídas a partir de pensamentos ou ideias comuns a determinados grupos políticos ou ideológicos, bem como aquelas que se formam em redor de nomeações diagnósticas, como TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), depressão, bulimia, anorexia, TOC (Transtorno obsessivo-compulsivo), dentre outras.

O crescimento exponencial da intolerância às diversidades de todas as ordens, fanatismo, racismo, negacionismo, extremismo, assim como os linchamentos e a cultura do cancelamento, não deixam dúvidas sobre a capacidade do digital de potencializar também as mazelas inerentes ao laço. Além disso, recentemente, a pandemia de covid-19 acelerou ainda mais a digitalização das relações sociais, com a intensificação de todos os seus efeitos.

Seguimos cada vez mais desparelhados de um Outro consistente, atordoados por um enxame que se faz presente nas diversas nomeações, categorias, diagnósticos, etiquetas, ofertas que levam à ilusão de uma possível homogeneização de gozo sob a forma de identidades, que apagam toda singularidade. O laço social, hoje, pode ser pensado fundamentalmente como estando articulado aos modos de gozo, produzindo comunidades de gozo. E é na medida em que esse estado de coisas reflete sobre o sujeito e sua relação com os elementos do laço, que podemos compreender a vigência de um novo *ethos*, marcado pela exigência que caracteriza o gozo em sua lógica de excesso.

Freud (1921/2020a) sustenta que o afeto é o amálgama das massas, seja ele o amor, o ódio ou qualquer outro. Assim, quando aborda um tipo de massa formada em redor de um inimigo comum, ressalta que o afeto de ódio é o que está em sua base. Seja como for, trata-se de um afeto desmedido, que tende a se mostrar de forma mais crua, inapto a um tratamento via saber. Nesse sentido, revela-se mais próximo ao campo do gozo que à dialética do desejo, na qual sujeito e Outro estão mutuamente implicados, com efeitos para o laço (LACAN, 1969-1970/1992).

Certamente, este *ethos* gozante não se dá isento de novas formas de mal-estar. Embora certa expansão narcísica seja um dos efeitos da *web*, isso não abarca todos os aspectos da subjetividade, pois é justamente sobre o real do gozo, seja via olhar ou voz, que o algoritmo introduz algo de inédito em relação às demais tecnologias, na medida em que alcança os modos de gozo de cada um, ou pelo menos se aproxima disso. Mas, esse algo de novo introduzido pelo *ethos* digital não afeta apenas a dimensão do indivíduo. Como campo propício à expansão das massas, os ambientes digitais envolvem relações de força, em seus mais variados níveis: político, econômico e afetivo.

Algoritmos, “bolhas” e as novas dimensões do poder sobre as massas

No final dos anos 2000, o novo *ethos*, nossa morada digital, passou a contar com um dispositivo matemático que, funcionando de modo bastante simples, inseriu uma perspectiva estatística radicalmente diferente e bem mais eficaz que os modelos tradicionais desse campo. Com a entrada em cena dos algoritmos digitais, um novo modo de governança passou a orientar ações de indivíduos e grupos no horizonte informacional, com decisivos efeitos comportamentais e políticos.

Embora estejamos vivendo sob a égide da transparência (HAN, 2017) e do espetáculo (DEBORD, 1997), tais relações de forças atuam de modo contrário no que diz respeito aos conglomerados informacionais. Operando de forma velada no manejo dos dados de cada usuário da *web*, as plataformas atuam por meio das “bolhas digitais”, noção amplamente divulgada na mídia e que diz respeito a grupos formados algoritmicamente a partir dos interesses comuns dos usuários.

Em meados dos anos 2010, os escândalos envolvendo redes sociais e agências de publicidade revelaram que diversas eleições ao redor do mundo tinham sido influenciadas por grupos que, com o auxílio de empresas como o Facebook, teriam manipulado a opinião dos eleitores. A empresa *Cambridge Analytica*, juntamente a empresários multimilionários, como Steve Bannon e

Alexander Nix, seriam responsáveis pela criação de um sistema complexo envolvendo a psicologia comportamental e o uso de dados organizados por programadores. Esse feito alterou o rumo de relevantes fatos históricos atuais, como as eleições que elegeram Donald Trump presidente dos Estados Unidos; o plebiscito do Brexit, que levou a Grã-Bretanha a sair da União Europeia; e as eleições no Brasil, que levaram a extrema-direita ao poder, com Jair Bolsonaro. Foi a partir de dados coletados dos usuários do Facebook que milhares de pontos de informação foram analisados e classificados num sistema de pontuações pela *Cambridge Analytica*. Em seguida, tais dados foram vendidos para a clientela política que elaborou suas estratégias de manipulação dos usuários da rede na própria rede (CADWALLADR, 2019).

Essa situação demonstrou a forma de comando via internet que não é lançada por um líder, mas funciona por meio do dispositivo algorítmico, que hoje opera em toda a *web*. Em tais comandos, não há qualquer compromisso com padrões éticos, não cabendo checagem sobre a veracidade de fatos supostamente ocorridos, o que torna os ambientes da internet propícios para a disseminação de notícias falsas, que vão se sofisticando com o passar dos anos.

Para Antoinette Rouvroy (2019), a constante adaptação dos ambientes aos perfis individuais e coletivos produzidos pela inteligência de dados é um modo de governança de grupos sem precedentes. Como salienta a autora, as operações de coleta, processamento e estruturação de dados com o propósito de *data mining* [mineração de dados] e *profiling* [criação de perfis] tornaram a vigilância de dados [*dataveillance*] cruciais para atividades de setores públicos e privados em domínios tão variados quanto a prevenção da criminalidade, a gestão da saúde, o *marketing* ou o entretenimento.

Então, na lógica das massas digitais, o mecanismo algorítmico opera na formação dessas “bolhas”, selecionando e direcionando conteúdos a serem apresentados aos usuários nos *feed* de notícias das redes sociais e das plataformas de serviços, como Netflix e afins. Com recurso ao perfil de consumo capturado pelos algoritmos – abastecidos de dados pessoais, geográficos, padrões de uso dos aplicativos, dentre outros –, as plataformas passam a circunscrever um ambiente específico para cada um, moldado a partir de seu reflexo. Com isso, o indivíduo passa a receber conteúdos semelhantes àqueles que ele buscou anteriormente, sendo “apresentado” a pessoas que compartilham ideias e pensamentos próximos aos seus, e vice-versa (ROUVROY, 2019).

Os capitalistas de vigilância (ZUBOFF, 2021) descobriram que os dados comportamentais mais preditivos provêm da intervenção no jogo, de modo a incentivar, persuadir, sintonizar e arrebanhar comportamentos, em busca de resultados lucrativos. Na fase atual da evolução do capitalismo de vigilância, os meios de produção estão subordinados a meios de modificação comportamental cada vez mais complexos e abrangentes, influenciando tanto do ponto de vista econômico quanto do político.

As tecnologias são pensadas visando determinados fins. Fruto de muito investimento e planejamento, atualizam-se em processos de *design*, interfaces, mídias, estruturas de *links*, aplicativos, códigos para a escrita e leitura de programas operacionais, além da própria estrutura de aparelhos e cabos que formam uma rede complexa de elementos diversos. Em linhas gerais, podemos dizer que tudo é planejado para que as pessoas fiquem o máximo de tempo possível usando os dispositivos tecnológicos. Cada rede social tem seus objetivos e regras, cada fórum de discussão tem suas características peculiares, voltando-se para um grupo específico de pessoas (NOBRE, 2020). As notícias falsas, que sempre existiram, circulam mais em meio digital porque se adequam bem aos modelos de negócios baseados em cliques, que foram aperfeiçoados pelos gigantes extrativistas de dados. As *fake news* somente são lucrativas se forem amplamente compartilhadas, o que justifica o fato de se difundirem com tanta rapidez (ZUBOFF, 2021).

Assim, nas “bolhas digitais”, o usuário se vê numa sala de espelhos que reforça sua visão de mundo, sendo essa captura algorítmica possível justamente porque incide sobre o narcisismo de cada um. Há um sentimento de pertencimento dentro das bolhas, como se as informações e as interações que fazemos com nossos semelhantes fossem o respaldo para podermos continuar agindo daquela maneira. Dentro de nossas bolhas, encontramos conforto e estamos protegidos por uma rede criada para nos passar a sensação de que sempre estamos com a razão. Dessa forma, tornamo-nos cada vez mais reféns de nós mesmos, admirados com nossa própria identidade (SIBILIA, 2008).

Christian Dunker (2021) assinala que um processo de aceleração narcísica vem ocorrendo

na sociedade digital. A massa digital é contagiante e redutora. Nela, ficamos mais vulneráveis à agressividade, ao ódio, às intimidações. No entanto, é preciso reconhecer que, para além do jogo de espelhos, há uma zona de poder assimétrico que atua nas redes. A *expertise* em ciência e design das plataformas visa dar causa a um circuito fechado que alimente a inclinação individual do usuário para uma fusão com o grupo, reforçando também a tendência a compartilhar, de forma exagerada, suas informações pessoais. As pessoas anseiam por pertencer a um grupo, e uma série de dispositivos está planejada para que todos se sintam estimulados a interagir, a postar fotos e outras informações.

O capitalismo digital atua de forma insidiosa na formação e condução das massas digitais. Para Zuboff (2021), trata-se de uma nova arquitetura global de modificação comportamental que não visa corpos dóceis, mas previsíveis, em que cada decisão, escolha ou necessidade possa ser prevista, antecipada e satisfeita. Esse capitalismo visa sequestrar e comercializar o nosso futuro para nós mesmos.

O objetivo maior dos capitalistas de vigilância é alimentar os algoritmos que serão capazes de agarrar os jovens de forma efetiva e não mais soltá-los (ZUBOFF, 2021). Algumas plataformas, como o Facebook ou o Instagram, geram uma inflação do perfil, ocasionando maior vigilância corporal. Não se trata apenas de oferecer um espelho para refletir a própria imagem, mas de uma criação artificial projetada a serviço do bem maior do capital de vigilância. Os jovens nas redes não estão somente entre os seus pares. Eles se juntam aos mestres da vigilância, os cientistas de dados, programadores, especialistas em aprendizagem de máquina e profissionais da tecnologia de design mais sofisticados do mundo. Encontros entre amigos adolescentes são incorporados a um projeto de engenharia comportamental de escopo e ambição planetários. As redes sociais, com seus *likes*, *emojis*, contagem de caracteres e *hashtags*, seriam alguns dos dispositivos empregados para a produção de comportamentos massificados.

Para Rouvroy e Berns (2015), na medida em que não reconhece nada além de dados infraindividuais e perfis supraindividuais, evitando confrontos com sujeitos tanto física quanto linguisticamente, o governo algorítmico pode ser compreendido como o ponto culminante de um processo de dissipação das condições institucionais, espaciais, temporais e linguísticas de subjetivação. Para Rouvroy (2019), um governo algorítmico molda o futuro, afetando indivíduos e grupos sobre o modo de lançar respostas de forma reflexa, erradicando as condições de crítica.

Segundo Zuboff (2021), esse extrativismo de dados tem consequências políticas e econômicas. A autora chama atenção para o fato de que estamos diante da construção de uma forma de poder inédita, caracterizada por uma extrema concentração de conhecimento que não passa pela supervisão da democracia.

Ainda do ponto de vista político, Achille Mbembe (2021) considera que as formas com as quais as expressões de poder são verificadas na contemporaneidade podem ser referidas aos conceitos de biopoder e de necropoder. Para o autor, o sistema econômico da atualidade, aliado ao desenvolvimento tecnológico, estende uma forma de brutalidade contra a natureza, o meio ambiente e os mais vulneráveis. Em linhas gerais, trata-se de definir quem é importante e quem não é, e o que fazer com aqueles que são definidos como não importantes para a sociedade. Nesse sentido, o capitalismo de vigilância e a biopolítica, associados à necropolítica, são forças de dominação que atuam sobre as subjetividades, por meio dos dispositivos tecnológicos digitais e das massas que eles dão causa.

Talvez o efeito mais nefasto observado nos últimos anos seja mesmo a tendência à desagregação do tecido social causada pela distribuição desenfreada de *fake news*, em função da descoberta das facilidades do uso das redes por grupos conservadores, fundamentalistas e de inspiração nazifascistas. Sob a lógica das plataformas, multiplicaram-se os canais de profusão da propaganda fascista, tal como analisada por Theodor Adorno (2018) em artigo publicado em 1951, por ocasião dos trinta anos do estudo de Freud (1921/2020b). Para além da riqueza de sua leitura do texto freudiano, nesse trabalho que tinha como mote a emergência do fascismo nos Estados Unidos em meados do século, Adorno (1951/2018) coloca-se uma questão que ultrapassa o escopo dos textos de Le Bon e de Freud. O autor indaga-se sobre os motivos de a psicologia das massas ser mais peculiar ao fascismo que à maioria dos demais movimentos que buscam apoio de grupos, como os de inspiração liberal ou progressista. Parece pertinente, portanto, retomar esse ponto para

uma leitura atual, especialmente em relação ao surgimento do bolsonarismo, modelo brasileiro de inspiração abertamente fascista.

Segundo Adorno (1951/2018), a irracionalidade dos objetivos do líder fascista parece contraditória com os interesses das massas, uma vez que um constante risco de guerra e destruição é inerente ao fascismo e contrário, portanto, ao interesse geral, o que as massas sabem, ao menos em nível pré-consciente. Entretanto, não é por argumentos racionais que os líderes fascistas ganham a adesão das massas; ao contrário, a propaganda fascista orientada psicologicamente deve

[...] mobilizar processos irracionais, inconscientes e regressivos. Essa tarefa é facilitada pelo estado de espírito de todos aqueles estratos da população que sofrem frustrações sem sentido e desenvolvem, por isso, uma mentalidade mesquinha e irracional. O segredo da propaganda fascista pode bem ser o fato de que ela simplesmente toma os homens pelo que eles são – os verdadeiros filhos da cultura de massa estandardizada atual, amplamente despojados de autonomia e espontaneidade – em vez de estabelecer metas cuja realização transcenderia o *status quo* psicológico não menos que o social. A propaganda fascista tem apenas de reproduzir a mentalidade existente para seus próprios propósitos – não precisa induzir uma mudança –, e a repetição compulsiva, que é uma de suas características primárias, estará em acordo com a necessidade dessa reprodução contínua (ADORNO, 1951/2018, p. 17).

Conforme Adorno (1951/2018, p. 17), a propaganda fascista apoia-se tanto numa estrutura total quanto em cada traço particular de caráter autoritário, resultante da “internalização de aspectos irracionais da sociedade moderna”, o que permite que ela se torne “racional no sentido da economia pulsional”. Nesse ponto, cabe indagar se, nessa “racionalidade pulsional”, não podemos espereitar aquela que abre espaço para um livre curso da dimensão de gozo, embora sob as balizas algorítmicas, tal como propomos em relação ao *ethos* digital.

Em relação aos líderes, Adorno (1951/2018) sustenta que na medida em que se conscientizam e se apropriam da psicologia de massa, ela tende a deixar de existir, sendo nesse ponto que a contribuição da psicanálise é mais notável. Segundo o autor, Freud define o “reino da psicologia” pela supremacia da dimensão do inconsciente que, essencialmente negativa, precisa ser conhecido, em “que o que é *isso* deveria se tornar eu” (p. 19). Ora, embora atuando preferencialmente por essa via negativa do inconsciente, a propaganda fascista faz justamente o caminho inverso ao que é proposto por Freud em relação ao inconsciente:

A emancipação do homem do domínio heterônomo de seu inconsciente seria equivalente à abolição de sua “psicologia”. O fascismo promove essa abolição no sentido oposto, pela perpetuação da dependência em lugar da realização da liberdade potencial, pela expropriação do inconsciente por meio do controle social em lugar de tornar os sujeitos conscientes de seus inconscientes (ADORNO, 1951/2018, p. 19).

Sob esse *ethos* do gozo estendido ao âmbito digital, esse processo ganha – para além do melhor alcance – uma maior nitidez. É por serem tocados em algo muito íntimo e singular, que os sujeitos se veem convocados a atitudes bizarras, ridículas ou desumanizadoras, como as que presenciamos nas manifestações de atos fascistas hoje abundantes no Brasil. E isso ocorre a despeito do grande acesso ao conhecimento e à informação que circulam na atualidade, diferentemente do que estava disponível às massas fascistas do século passado. Entretanto, é justamente em função do efeito personalista dos dispositivos digitais que, aliado ao excesso de conteúdos e à incapacidade

humana de avaliar, julgar e escolher diante desse automatismo acelerado, que essa diferença faz efeito contrário.

Empregando a expressão “demônios interiores”, Gustavo Dessal (2019) ressalta que eles não foram criados pela tecnologia, mas que ela pode “despertá-los, reforçá-los, multiplicá-los, ampliá-los, explorá-los e projetá-los em narrativas capazes de gerar fenômenos de identificação coletiva” (p. 105-106, tradução nossa). O autor chama atenção para o fato de que, pelo menos até o momento, a tecnologia não insere nada que venha do exterior, de fora do sujeito, como fosse um implante.

A tecnologia de comunicação difere dos métodos clássicos de evangelização, doutrinação, manipulação de consciências e criação de seguidores para uma determinada causa ou fim, pelo fato de que sua capacidade de alcance é praticamente infinita, difícil de controlar e com o acréscimo de que pode ser implementada por meio de técnicas de automação que garantem uma reprodução viral de mensagens e notícias (DESSAL, 2019, p. 106, tradução nossa).

A eloquência do adjetivo “viral” (DESSAL, 2019, p. 87) é proporcional à magnitude de seu alcance, medido não somente pelo tamanho da massa de usuários da rede que o recebem e visualizam, mas também pelos efeitos que tal conteúdo produz na forma de perceber a estrutura ficcional da realidade, bem como na potencial capacidade de monetização. Apesar de certa percepção das massas em relação à impostura do líder, aspecto destacado por Adorno (1951/2018), isso não impede que elas o acompanhem em seus desvios, encenando um entusiasmo e participando de sua performance.

É por meio dessa encenação que atingem um equilíbrio entre seus desejos instintuais continuamente mobilizados [...]. É provavelmente a suspeita do caráter fictício de sua própria “psicologia de grupo” que torna as multidões fascistas tão inabordáveis e impiedosas. Se parassem para raciocinar por um segundo, toda a encenação desmoronaria, e só lhes restaria entrar em pânico (ADORNO, 1951/2018, p. 19).

A rigor, podemos compreender que a linguagem digital concorre para potencializar os efeitos dos excessos, movimentando as massas, muitas vezes, por lógicas absurdas e, para o que quer que seja, atuando precisamente em direção ao ser de gozo, já disperso do manancial simbólico do Outro.

Considerações Finais

Para a psicanálise, os efeitos mais deletérios desse processo de intensas mudanças estão relacionados à adesividade ou à apropriação da experiência do inconsciente pelos dispositivos tecnológicos que deram causa à linguagem digital. Na medida em que nos fazem operar sob essa nova linguagem, é também para nos convocar a morar nesse novo *ethos* de fruição que, funcionando pelo excesso, pela aceleração, termina por inflacionar o campo do gozo. A partir daí, torna-se passo fácil um maior desligamento do sujeito em relação às balizas simbólicas, com prejuízo ao laço, à dimensão política como um todo.

É trivial ceder aos encantos dessa modalidade lúdica e pouco exigente do saber, que tão facilmente consegue implementar a lógica que se aproxima ao mais-de-gozar. Pode-se dizer que esse saber hipermoderno que se coloca como informação assumiu o tom de uma sedução. Instalando-se no lugar da regulação superegoica do saber inconsciente, a informação fornece um modo mais direto de fruição pelo sujeito, que fica à deriva de seu gozo.

Do ponto de vista da psicanálise, essa exigência de gozo está no cerne daquilo que, a partir da cultura digital, o discurso capitalista pretende transmitir ao franquear um marco regulatório para o laço social via informação, na medida em que busca elidir a castração. Estando o sujeito já capturado na vertente do gozo e isento dos ritos e das obrigações anteriores para o exercício do

saber, trata-se, antes, de uma apropriação do mais-de-gozar pelo hiperestabelecido do mercado, do que propriamente de uma anulação de seus efeitos. Desse modo, o empuxo ao gozo que caracteriza os excessos que tanto nos arrebatam e assustam parece nos alienar de nós mesmos, alterando nossa relação com tempo e espaço e deixando impressões danificadoras também para o laço social, impondo um ritmo de vida alucinante, ele próprio tirânico. No estilo capcioso de seduzir com suas benesses, o discurso capitalista engendra um modo de vida que algoritmiza o próprio gozo, que pode ser contabilizado em praticamente todos os âmbitos da experiência humana, sem deixar brechas para escape.

A história parece nos mostrar que os atuais fenômenos de massa são da mesma ordem que aqueles que se observavam no século passado. A psicologia de cada indivíduo – ou sujeito – é a mesma que se projeta para as massas, tal como o próprio Freud (1921/2020b) observou. Entretanto, se hoje funcionamos sob um *ethos* de gozo estimulado no um a um pela cultura do número – e, ainda, algoritmizado – o laço com o Outro, estando ainda mais precário, é atravessado pelas ferramentas tecnológicas em dimensões antes pouco exploradas, como as do domínio do afeto. Então, mais isolados no laço, talvez estejamos mais suscetíveis a identificações marcadas pelo gozo, menos pela dialética desejante, imersos que estamos a esse novo *ethos*.

Referências

ADORNO, Theodor. A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista (1951). Trad. Gustavo Pedroso. **Blog Boitempo**, Adorno: A psicanálise da adesão ao fascismo, 2018. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2018/10/25/adorno-a-psicanalise-da-adesao-ao-fascismo/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. C. A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CADWALLADR, Carole. **O papel do Facebook no Brexit e a ameaça à democracia**, 2019. Disponível em: conferenciasted-carolecadwalladr2019. Acesso em: 09 mar. 2023.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura, volume I. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo** (1968). Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DESSAL, Gustavo. **Inconsciente 3.0**: Lo que hacemos con las tecnologías e lo que las tecnologías hacen con nosotros. Argentina: Xoroi Edicions, 2019.

DUNKER, Christian. Psicanálise da vida digital (prefácio). *In*: GOLDBERG, Leonardo; AKIMOTO, Claudio. **O sujeito na era digital**: Ensaios sobre psicanálise, pandemia e história. São Paulo: Edições 70, 2021.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura (1930). *In*: FREUD, Sigmund. **Cultura, sociedade, religião**: o mal-estar na cultura e outros escritos/Sigmund Freud; trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020a. [Obras incompletas de Sigmund Freud]. p. 305-410.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do Eu (1921). *In*: FREUD, Sigmund **Cultura, sociedade, religião**: o mal-estar na cultura e outros escritos/Sigmund Freud; trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020b. [Obras incompletas de Sigmund Freud]. p.137-232.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade da transparência**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectivas do digital. Trad. Lucas Machado. Petrópolis: Vozes,

2018.

LACAN, Jacques. A agressividade em psicanálise (1948). *In*: LACAN, J. **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a. p. 104-126.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b. p. 496-533.

LACAN, Jacques. **Estou falando com as paredes**: conversas na Capela de Sainte-Anne (1972). Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949). *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998c. p. 96-103.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 7**: A ética da psicanálise, 1959-1960. Vers. bras. Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 9**: A identificação, 1961-1962. [Inédito].

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17**: O avesso da psicanálise, 1969-1970. Vers. bras. Ary Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20**: Mais, ainda, 1972. Vers. bras. M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. Radiofonia (1970). *In*: LACAN, J. **Outros escritos**. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003a.

LACAN, Jacques. Televisão (1973). *In*: LACAN, J. **Outros escritos**. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003b.

LIMA, Nádia Laguárdia de. As incidências do discurso capitalista sobre os modos de gozo contemporâneos. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 13, n. 3-4, p. 461-498, set./out. 2013. Disponível em: l1nq.com/discursocapitalista-modosdegozo2013. Acesso em: 10 mar. 2023.

LIMA, Nádia Laguárdia de. O fascínio e a alienação no ciberespaço: uma perspectiva psicanalítica. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 58, n. 2, p. 38-50, dez. 2006.

MBEMBE, Achille. **Brutalismo**. São Paulo: N-1 edições, 2021.

MILLER, Jacques-Alain. **El Otro que no existe y sus comités de ética**. Com colaboración de: Éric Laurent. Buenos Aires: Paidós, 2005.

MILLER, Jacques-Alain. Os seis paradigmas do gozo. **Opção Lacaniana Online**, a. 3, n. 7, mar. 2012.

MOROZOV, Evgeny. **Big tech**: A ascensão dos dados e a morte da política. Trad. Cláudio Marcondes. São Paulo: Ubu, 2018. [Col. Exti].

NOBRE, Márcio Rimet. A cultura digital e suas incidências no campo do saber. *In*: LIMA, N. L.; STENGEL, M.; NOBRE, M. R.; DIAS, V. C. (Orgs.). **Saber e criação na cultura digital**: diálogos interdisciplinares. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021.

NOBRE, Márcio Rimet. **Derivas do saber na cultura digital**: o sujeito do inconsciente entre algoritmos e matemas. 2020, 280 fl. il. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em

Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, 2020.

ROUVROY, Antoinette. O(s) fim(ns) da crítica: behaviorismo de dados *versus* devido processo. In: ALVES, M. A. S.; NOBRE, M. R. (orgs.). **A sociedade da informação em questão**: O direito, o poder e o sujeito na contemporaneidade. Belo Horizonte: D'Plácido, 2019. (p. 15-46)

ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o díspar como condição de individuação pela relação? **Revista Eco Pós Tecnopólicas e vigilância**, v. 18, n. 2, p. 35-56, 2015. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/2662. Acesso em: 10 mar. 2023.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SRNICEK, Nick. Valor, renda e capitalismo de plataforma. **Revista Fronteiras: estudos midiáticos**, n. 24, v. 1, p. 2-13, jan./abr. 2022. Disponível em: l1nq.com/revistas-unisinos-srnicek. Acesso em: 17 dez. 2022.

TAPIAS, José Antonio Pérez. **Internautas e naufragos**: a busca do sentido na cultura digital. São Paulo: Loyola, 2003.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Escritos de Filosofia IV**: Introdução à ética filosófica
1. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

VIEIRA, Marcos André. Invenções. Quarto Encontro do Seminário, Escola Brasileira de Psicanálise, seção Rio, 2008. Disponível em: [/liturabr-curso-repositorio-invencoes](http://liturabr-curso-repositorio-invencoes). Acesso em: 08 mar. 2023.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder [e-book]. Trad. George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

Recebido em 16 de Janeiro de 2023.
Aceito em 08 de fevereiro de 2023.